

## O TERRITÓRIO PORTUGUÊS VISTO POR PROFESSORES DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE ESTATÍSTICA

Resultados de um inquérito de opinião dos participantes do XX Encontro Nacional de Professores de Geografia – 9 a 11 de Março de 2006

**Nuno Leitão** ([nuno.p.leitao@gmail.com](mailto:nuno.p.leitao@gmail.com))

CEGED – Centro de Estudos de Geografia e Desenvolvimento<sup>1</sup>

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

### Introdução

A necessidade de reforçar e afirmar a identidade de um território, é hoje, comumente, defendida por políticos, académicos, profissionais e cidadãos, pois reconhece-se que este é um passo essencial para assegurar um desenvolvimento espacial competitivo num cenário de economia e cultura globalizadas.

Por que razão, então, o discurso em prol da identidade não encontra eco numa realidade em que a degradação do ambiente e dos recursos naturais, a descaracterização das paisagens culturais e a perda da autenticidade das economias locais e regionais são, muitas vezes, uma constante? Como fazer face à crescente globalização de bens, serviços e ideias que nem sempre garantem a sustentabilidade do desenvolvimento?

Que actores e agentes locais e regionais podem contribuir para fortalecer a identidade territorial como um recurso para o desenvolvimento? No sentido de dar uma resposta a estas questões, o CEGED, está a executar o Projecto de investigação científica intitulado "IDENTERRA – Identidade Territorial e Desenvolvimento Regional e Local: a Região Oeste de Portugal<sup>2</sup>".

---

<sup>1</sup> <http://ceged.ulusofona.pt/>

<sup>2</sup> O Projecto IDENTERRA – Oeste visa operacionalizar o conceito de identidade territorial através da análise dos elementos que compõem os “fixos” e os “fluxos” espaciais que, no conjunto, caracterizam o ambiente natural, a sociedade, a economia e a cultura, ficando gravados nas paisagens (naturais, rurais, urbanas ou compósitas) e condicionam os modos de vida numa determinado espaço geográfico. Este Projecto será realizado no período 2004 – 2007, em parceria com o e-GEO – Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional da FCSH/UNL, a ADRO – Agência para o Desenvolvimento Regional do Oeste e a ADEPE – Associação para o Desenvolvimento de Peniche. O co-financiamento do Projecto é assegurado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Programa POCTI/SAPIENS.

Apesar do Projecto IDENTERRA – Oeste se centrar, essencialmente, na NUT III Oeste<sup>3</sup>, considerou-se oportuno aproveitar o XX Encontro Nacional de Professores de Geografia (em Peniche, de 9 a 11 de Março de 2006) para realizar um inquérito de opinião, dirigido aos participantes do evento. O objectivo desse inquérito, de carácter exploratório, era o de captar as opiniões individuais sobre a dinâmica de desenvolvimento dos concelhos de residência dos inquiridos e, também, o nível de atractividade dos concelhos do Oeste. Visou-se, igualmente, aproveitar esta ocasião para continuar a aplicação de métodos participativos de investigação que, em complementaridade com os métodos macroscópicos, são uma grande aposta do referido Projecto.

A execução deste inquérito só foi possível com a expressa colaboração da Associação de Professores de Geografia, da qual se destaca a Professora Emília Sande Lemos.

### **Enquadramento conceptual e metodológico do inquérito**

O tamanho e formato do questionário, composto por respostas fechadas, foi adequado ao tempo disponível para a realização do inquérito, ou seja, cerca de 15 minutos.

Sendo o inquérito destinado, exclusivamente, aos participantes do XX Encontro Nacional de Professores de Geografia, as 103 respostas apuradas não podem ser entendidas como representativas de uma amostra que permita a extrapolação de resultados para o universo nacional, pois não era, nem podia ser esse o seu objectivo.

Todavia, o facto de se assumir que os dados obtidos apenas são representativos do conjunto de inquiridos, em nada diminui o seu interesse e importância, já que consideramos estarem reflectidas, neste exercício de auscultação, um conjunto de pessoas com elevada formação e atentas às evoluções que ocorrem nos seus territórios de residência.

### **Características dos inquiridos**

#### Sexo, idade e instrução:

Do total de 103 pessoas inquiridas, 81 são do sexo masculino e 22 do sexo feminino, elemento que revela o domínio do sexo feminino nas actividades de docência de geografia.

---

<sup>3</sup> A NUT III Oeste inclui os concelhos de Alcobaça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Lourinhã, Nazaré, Óbidos, Peniche, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras.

Relativamente à idade (ver figura 1), cerca de metade dos participantes têm entre 41 e 50 anos, seguidos por aproximadamente 22% com idades superiores a 50 anos. Há, ainda, 21% de participantes com idades entre os 31 e os 40 anos, enquanto os participantes mais jovens (dos 21 aos 30 anos) representam apenas 8% do total dos participantes.



**Figura 1** – Inquiridos segundo a idade

No que respeita às habilitações literárias, e como seria de esperar num encontro desta natureza, todos os inquiridos são, pelo menos, licenciados, havendo ainda 3 pós-graduados e 5 mestres.

#### Concelho de residência actual e proveniência:

Os 103 inquiridos revelaram origens muito diversificadas, residindo em 44 concelhos (ver tabela 1). Se os 103 indivíduos forem agrupados por NUT, forma-se uma ideia mais clara da localização e da dispersão nos inquiridos. Neste sentido, há inquiridos residentes em concelhos das NUT I dos Açores e Madeira, e das NUT II do Norte, do Centro, de Lisboa, do Alentejo e do Algarve.

Para efeitos de tratamento estatístico, realizou-se uma reclassificação do concelho de residência dos inquiridos (ver figura 2) de forma a obter uma maior representatividade dos dados, ao mesmo tempo que se salvaguardam diferenças territoriais. Assim, 34% provêm de concelhos da Grande Lisboa<sup>4</sup>. Surgem, de seguida, em termos de representatividade, 3 áreas, a Península de Setúbal<sup>5</sup>, o Grande Porto<sup>6</sup> e uma área que aglomera concelhos das NUT III de Entre Douro e Vouga, do Baixo Vouga e do Baixo Mondego<sup>7</sup>, todas elas com 11% dos inquiridos. Com 10% dos inquiridos está o Oeste<sup>8</sup> e

<sup>4</sup> A Grande Lisboa inclui inquiridos residentes em Lisboa (10), Vila Franca de Xira (6), Amadora (5), Sintra (5), Oeiras (4), Cascais (2), Loures (2) e Odivelas (2).

<sup>5</sup> A Península de Setúbal é integrada por inquiridos dos concelhos do Seixal (6), Almada (3) e Palmela (2).

<sup>6</sup> O Grande Porto agrupa inquiridos dos concelhos do Porto (6), Gondomar (2), Vila Nova de Gaia (2) e Matosinhos (1).

<sup>7</sup> A área de Entre Douro e Vouga, do Baixo Vouga e do Baixo Mondego inclui os inquiridos provenientes dos concelhos de Coimbra (5), Águeda (2), Oliveira de Azeméis (2), Mealhada (1), Figueira da Foz (1) e Condeixa-a-Nova (1).

representando 9% dos inquiridos está uma área que reúne concelhos das NUT III do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral<sup>9</sup>. Representando 5% dos inquiridos está uma outra área que agrupa concelhos das NUT III do Cávado, Ave e Tâmega<sup>10</sup>. Com 3% do total de pessoas inquiridas existe uma área que abrange concelhos mais do interior centro do país, designadamente das NUT III da Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Dão Lafões<sup>11</sup>. Com apenas 2% dos inquiridos existem, ainda, 3 outras áreas, nomeadamente o Alentejo<sup>12</sup>, o Algarve<sup>13</sup>, e os Açores e a Madeira<sup>14</sup>.

**Tabela 1** – Inquiridos por concelho de residência

Abrantes	1	Figueira da Foz	1	Porto	6
Águeda	2	Funchal (Madeira)	1	Porto de Mós	1
Almada	3	Gondomar	2	Póvoa de Varzim	2
Almeirim	1	Grândola	1	Ribeira Grande (Açores)	1
Amadora	5	Guimarães	1	Santarém	1
Arruda dos Vinhos	1	Lisboa	10	Seia	1
Benavente	1	Loures	2	Seixal	6
Caldas da Rainha	2	Lourinhã	3	Sintra	5
Cascais	2	Matosinhos	1	Tomar	2
Coimbra	5	Mealhada	1	Torres Vedras	4
Condeixa-a-Nova	1	Odivelas	2	Vila Franca de Xira	6
Entroncamento	2	Oeiras	4	Vila Nova de Gaia	2
Esposende	1	Oliveira de Azeméis	2	Vila Nova de Poiares	1
Évora	1	Palmela	2	Viseu	1
Faro	2	Paredes	1		

É possível concluir que a maior parte dos participantes inquiridos (mais de 50%), provêm de grandes centros urbanos e/ou de áreas limítrofes. Outro padrão que se verifica, é o facto desta larga maioria ser proveniente de concelhos que se localizam no litoral, sendo excepção os casos dos participantes dos concelhos de Viseu, Seia, Tomar, Abrantes ou Évora, que juntos representam, apenas, 6% das respostas apuradas. De entre todos os concelhos, Lisboa com 10 inquiridos, e o Porto e Vila Franca de Xira com 6, são os maiores contribuintes, representando cerca de ¼ dos inquiridos realizados. Há, ainda, uma relação entre a proveniência do inquirido e desta forma, da distância a que se encontram de Peniche (onde decorreu o encontro de Professores de Geografia), e

<sup>8</sup> O Oeste representa os inquiridos residentes nos concelhos de Torre Vedras (4), Lourinhã (3), Caldas da Rainha (2) e Arruda dos Vinhos (1).

<sup>9</sup> Na área do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral estão presentes inquiridos com residência nos concelhos de Tomar (2), Entroncamento (2), Abrantes (1), Almeirim (1), Benavente (1), Porto de Mós (1) e Santarém (1).

<sup>10</sup> A área do Cávado, Ave e Tâmega inclui os residentes dos concelhos da Póvoa do Varzim (2), Esposende (1), Guimarães (1) e Paredes (1).

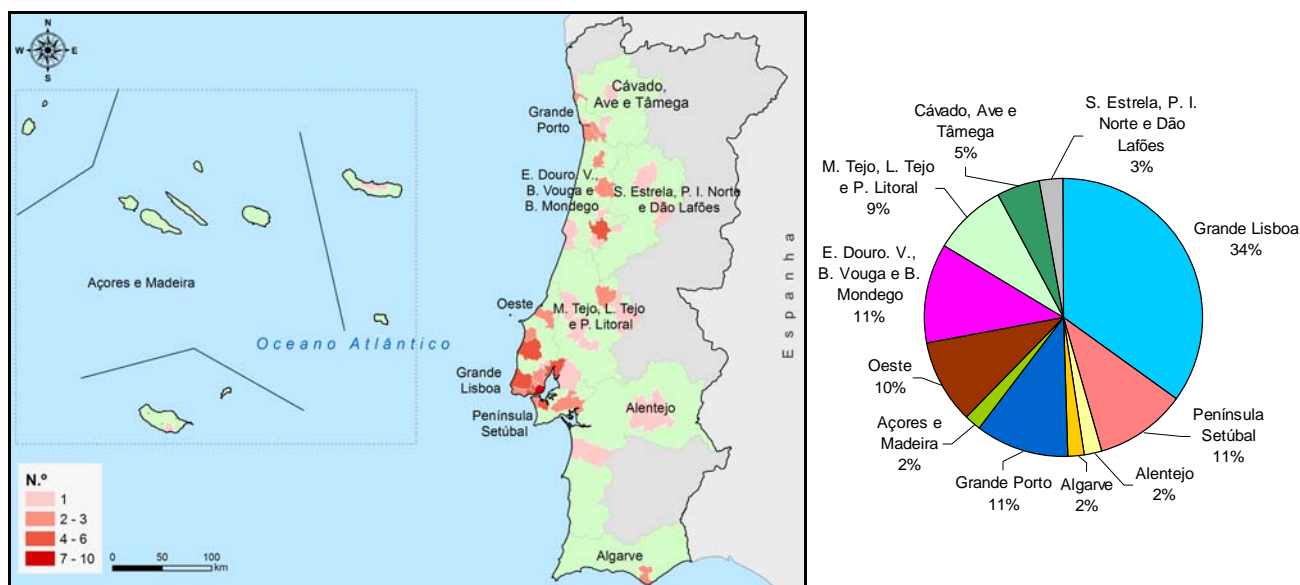
<sup>11</sup> A área da Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Dão Lafões representa os inquiridos residentes nos concelhos de Seia (1), Vila Nova de Poiares (1) e Viseu (1).

<sup>12</sup> O Alentejo reúne os inquiridos dos concelhos de Évora (1) e Grândola (1).

<sup>13</sup> A região do Algarve representa inquiridos residentes no concelho de Faro (2).

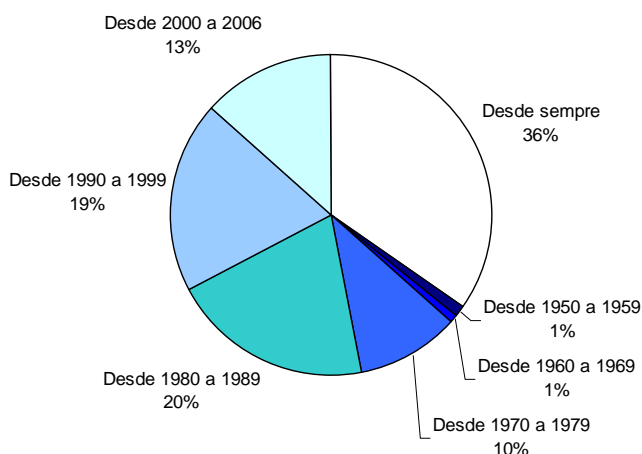
<sup>14</sup> Os Açores e a Madeira têm inquiridos residentes nos concelhos da Ribeira Grande (1) e Funchal (1).

os níveis de participação. O peso demográfico de cada concelho é também condição para maiores ou menores índices de respostas.



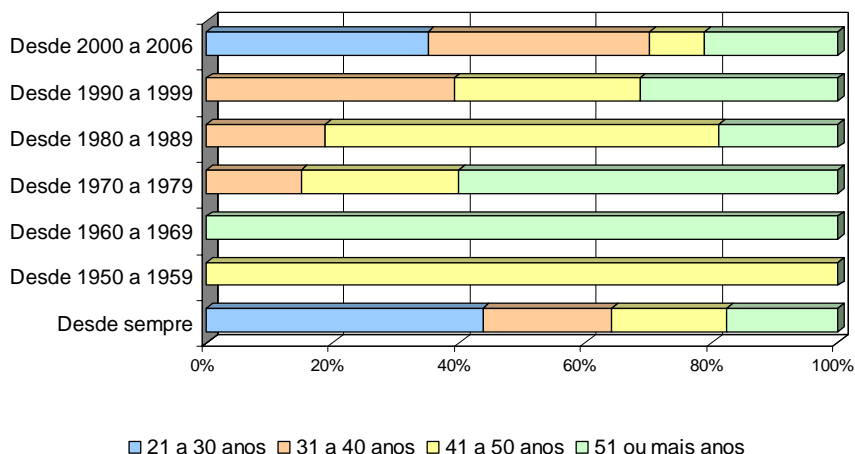
**Figura 2** – Inquiridos de acordo com concelhos e área reclassificada de residência

Relativamente ao tempo em que estas pessoas habitam no seu actual concelho de residência (ver figura 3), é interessante notar que cerca de  $\frac{1}{3}$  dos inquiridos residiu sempre no mesmo concelho. As restantes pessoas dão respostas diferentes, destacando-se o grupo de inquiridos que mudou para o actual concelho de residência nas décadas de 80 (20%) e de 90 (19%). Entre 2000 e 2006, mudaram de concelho de residência 13% dos inquiridos.



**Figura 3** – Inquiridos por tempo de residência no concelho actual

Pretendeu-se, também, aferir qual a relação entre a idade dos inquiridos e a altura em que mudaram, ou não, de concelho de residência. Porém, e dado que as diferentes classes de idades não têm igual proporção, procedeu-se ao cruzamento desta variável com o tempo de residência no concelho actual admitindo que as 4 classes de idades têm todas o mesmo peso percentual (ver figura 4).



**Figura 4** – Idade dos inquiridos por tempo de residência no concelho actual

Assim, a classe mais jovem (21 a 30 anos) é a mais representativa no que diz respeito ao facto de nunca ter mudado de concelho de residência, assim como nas mudanças de concelho de residência entre 2000 e 2006.

Na década de 90, as mudanças de residência são proporcionais entre 3 classes, entre a dos 31 aos 40 anos, a dos 41 aos 50 anos e a dos 51 anos ou mais, o que significa que o fenómeno de mudança de concelho de residência atravessa, não só as classes mais jovens e em início de carreira profissional, como também, aquelas que se supõe, terem já uma maior estabilidade socioprofissional.

Já na década de 80, é sobretudo a classe com idades compreendidas entre os 41 e 50 anos que muda de residência, enquanto que nas décadas de 70 e 80, a classe que mais mudou de concelho de residência, tem 50 anos ou mais.

É interessante notar que há inquiridos, que independentemente da idade, sempre residiram no actual concelho de residência.

## Opinião dos inquiridos

### Evolução recente da situação socioeconómica e ambiental do concelho de residência:

Pedi-se aos 103 inquiridos, que dessem a sua opinião sobre 11 parâmetros de avaliação dos seus concelhos de residência, nomeadamente, a protecção do ambiente, a qualidade do capital humano (educação e formação), as oportunidades de emprego, as acessibilidades, os equipamentos sociais, o associativismo/cooperativismo, as relações de vizinhança, a animação cultural, a qualidade da paisagem rural, o zelo pelo património arquitectónico e o nível de vida.

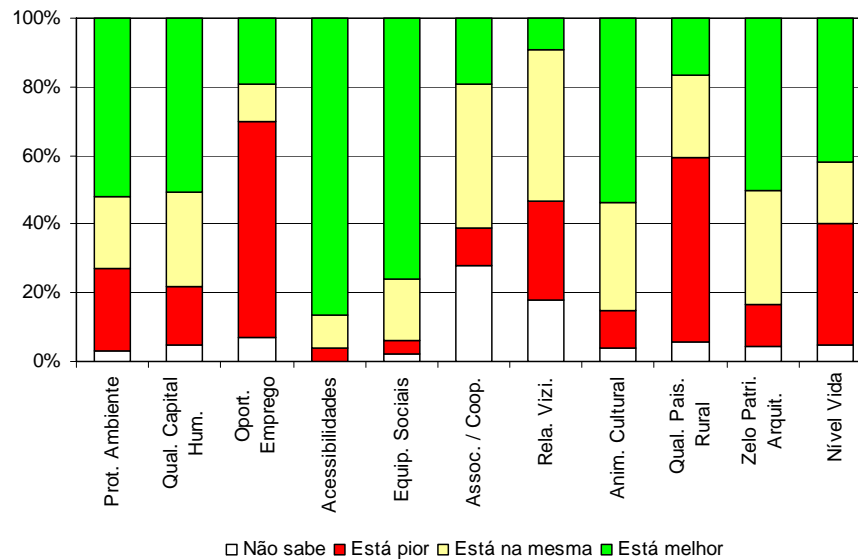
Perante o elevado número de respostas, realizou-se o teste de ajustamento do qui-quadrado (ver tabela 2) de forma a aferir se os valores observados se ajustam aos valores esperados, isto é, se em cada domínio de avaliação existe uma distribuição equitativa das diferentes categorias/respostas. Dado que, em nenhum dos casos, o nível de significância foi superior a 0,05, pode-se concluir que há diferenças entre os valores esperados e os observados, logo, há diferenças na proporção de cada categoria/resposta dada, diferenças essas que serão analisadas nas próximas páginas.

**Tabela 2** – Teste de ajustamento do qui-quadrado

	Qui-quadrado	Graus de liberdade	Nível de significância	Nota
Protecção do ambiente	49,200	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 25,0.
Qualidade do capital humano (educação e formação)	45,495	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 25,3.
Oportunidades de emprego	80,000	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 25,0.
Acessibilidades	129,176	2	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 34,0.
Equipamentos sociais	144,800	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 25,0.
Associativismo / cooperativismo	21,200	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 25,0.
Relações de vizinhança	25,583	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 24,0.
Animação cultural	62,157	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 25,5.
Qualidade da paisagem rural	46,802	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 22,8.
Zelo pelo património arquitectónico	49,333	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 24,0.
Nível de vida	33,520	3	0,000	0 células (0,0%) têm uma frequência esperada inferior a 5. O valor mínimo esperado é 25,0.

O gráfico construído para o efeito (ver figura 5) permite ter uma percepção geral daquilo que foi destacado como estando melhor, pior ou na mesma. Pelo lado positivo destacam-se as melhorias nos domínios da protecção ambiental, da qualificação do capital humano, das acessibilidades, dos equipamentos sociais, da animação cultural e do zelo pelo património arquitectónico, dado que mais de 50% dos inquiridos indicaram que estes aspectos estão melhores. Destacam-se, em especial, os domínios das acessibilidades (indicado como estando melhor por 86% dos inquiridos), e dos

equipamentos sociais (a percentagem de inquiridos a afirmar que este aspecto está melhor é de 76%).



**Figura 5** – Parâmetros avaliados nos concelhos de residência dos inquiridos

Pela negativa, destacam-se duas temáticas, o das oportunidades de emprego e o da qualidade da paisagem rural, ou seja, 63% dos inquiridos afirma que as oportunidades de emprego estão piores e 54% indicam que a paisagem rural está mais degradada.

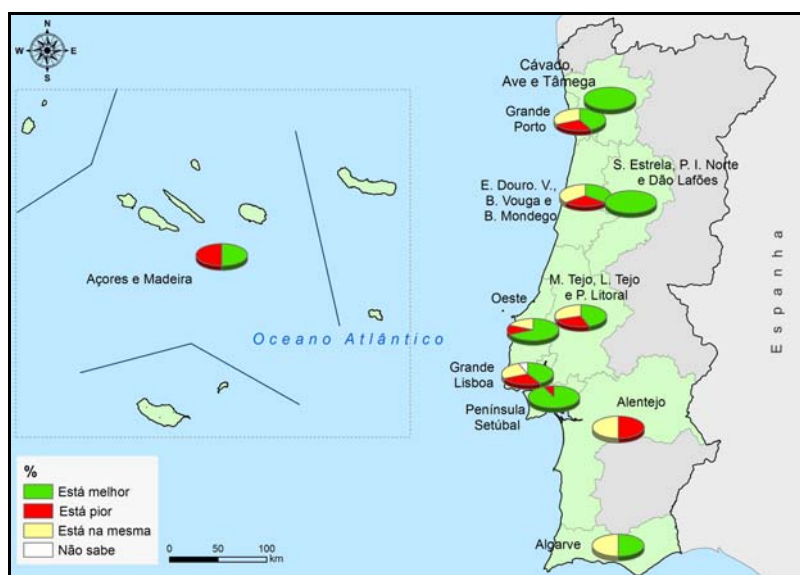
Existem ainda 3 domínios que não foram enunciados, pois possuem características particulares. No caso do associativismo/cooperativismo e das relações de vizinhança, a maioria das respostas dos inquiridos inclina-se para nenhuma evolução, ou seja, considerou-se que está tudo na mesma. Sobre o nível de vida, existe uma divisão das respostas, isto é, para 42% dos inquiridos registam-se melhorias, porém, 35% acha que o nível de vida está pior, havendo, também, 18% que acredita que tudo está na mesma.

Para além desta análise, importa compreender se estas considerações variam em função da área de residência dos inquiridos. Não sendo possível cruzar os concelhos de residência com estas variáveis, adoptou-se uma reclassificação das áreas de residência que resultou em 11 territórios distintos.

Assim, no caso da protecção do ambiente (ver figura 6), há um sentimento comum de que houve melhorias neste aspecto, que se estendem a todos os territórios. Contudo, as áreas cujos os inquiridos dão respostas diferentes do conjunto total dos dados, residem em concelhos do Alentejo (50% dos inquiridos aqui residentes considera que a situação está pior e outros 50% que a situação está na mesma), do Algarve (50% dos inquiridos considera que este aspecto está na mesma), nos Açores e Madeira (50% dos inquiridos considera que este aspecto está pior) e na faixa litoral que



vai desde Entre o Douro e Vouga até ao Baixo Mondego (33% destes inquiridos considera que a situação está melhor, outros 33% que está pior e outros 33% que está na mesma).

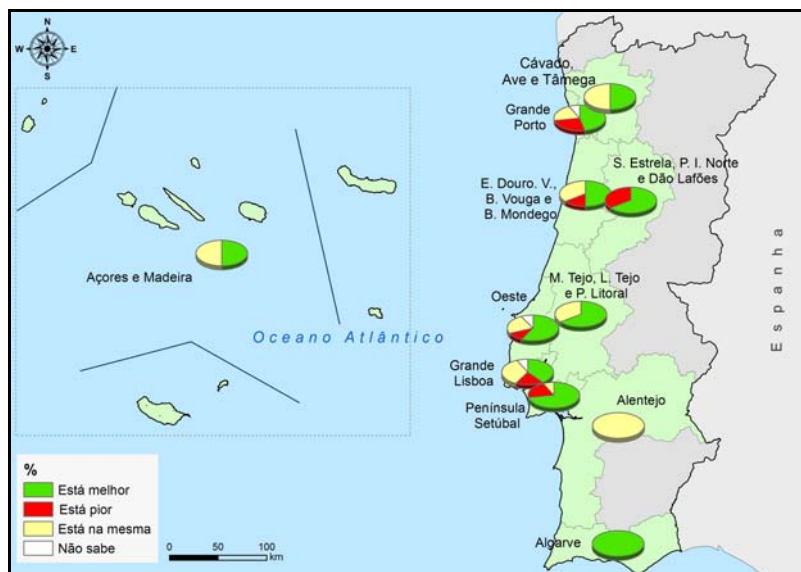


**Figura 6** – Evolução da protecção do ambiente por área de residência

Os inquiridos residentes em concelhos do Oeste são, também, muito optimistas, havendo 70% de inquiridos que consideram ter havido melhorias, contra apenas 10% que indicam ter havido uma regressão e 20% que afirmam que está tudo na mesma.

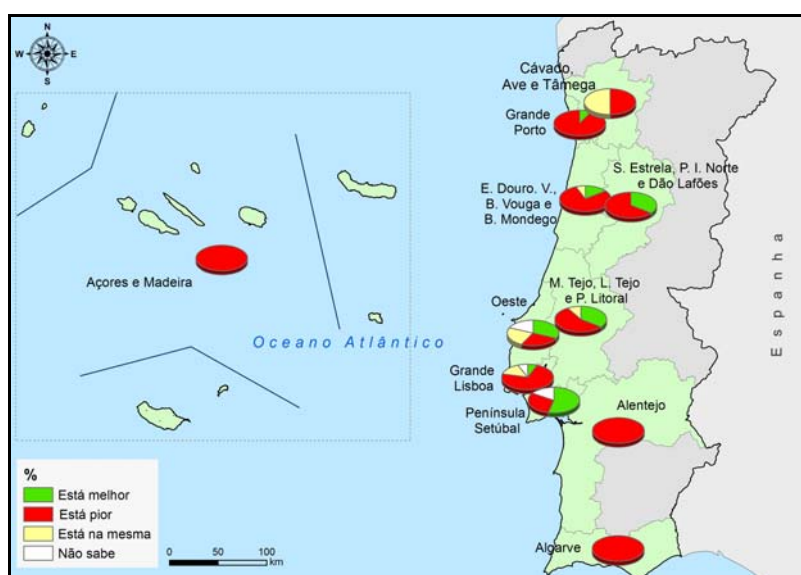
No que se refere à qualificação do capital humano (ver figura 7), a maioria dos inquiridos disse ter observado melhorias, de tal forma, que há vários casos em que essa percentagem é superior a  $\frac{2}{3}$ , nomeadamente para os residentes de concelhos do Algarve (100%), da Península de Setúbal (73%), da área do Médio Tejo, da Lezíria do Tejo e do Pinhal Litoral (67%) e da Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Dão Lafões (67%). Há apenas 3 áreas que dão respostas diferentes, nomeadamente no Alentejo, em que 100% dos inquiridos considera que a qualidade do capital humano nos seus concelhos está na mesma, assim como 50% dos residentes em concelhos dos Açores e Madeira, e na área do Cávado, Ave e Tâmega.

Os inquiridos do Oeste, dão uma opinião favorável à evolução deste aspecto, ou seja, com 60% de indicações favoráveis, apenas 10% de indicações desfavoráveis e 20% de indicações de que tudo está na mesma.



**Figura 7** – Evolução da qualificação do capital humano por área de residência

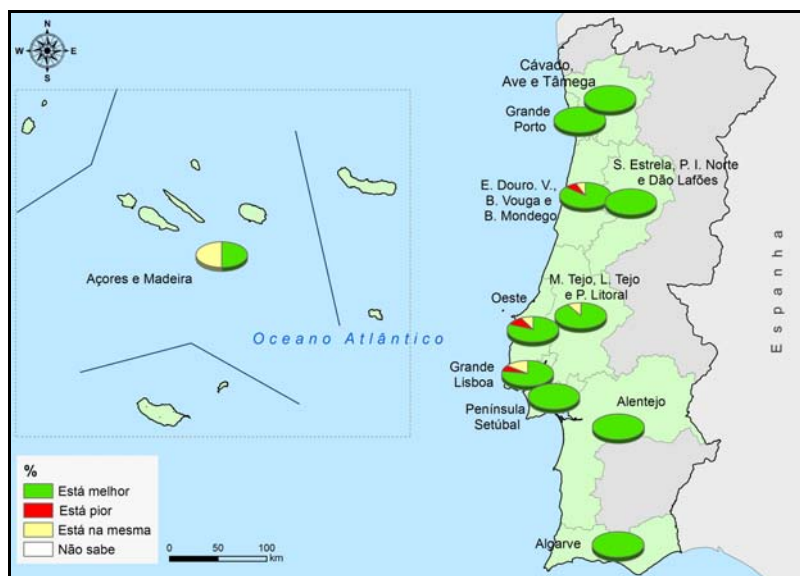
A realidade das oportunidades de emprego (ver figura 8) é substancialmente diferente do que até aqui se observou, ou seja, independentemente da área de residência, há uma quase unanimidade ao se considerar que as oportunidades de emprego estão piores. No entanto, e apresentando-se como caso único, há 55% de inquiridos da Península de Setúbal que diz ter havido uma evolução favorável deste aspecto. Do outro lado, temos territórios que registam 100% de considerações desfavoráveis, ou seja, os inquiridos crêem, unanimemente, que as oportunidades de emprego estão piores, nomeadamente em concelhos do Alentejo, do Algarve, e dos Açores e da Madeira.



**Figura 8** – Evolução das oportunidades de emprego por área de residência

O Oeste regista, ainda assim, uma evolução positiva deste aspecto para 30% dos inquiridos aqui residentes, assim como existe uma mesma percentagem que considera que situação piorou.

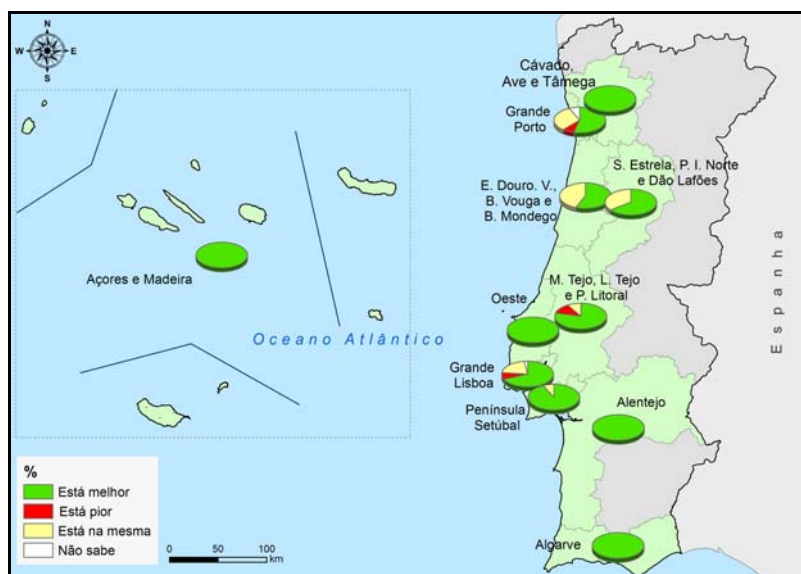
As acessibilidades (ver figura 9) são, de todos os aspectos aqui analisados, as que recolhem mais indicações favoráveis. A unanimidade da resposta “está melhor” só é quebrada pelos inquiridos residentes em concelhos da Grande Lisboa (77%), dos Açores e Madeira (50%), do Oeste (80%), da área de Entre o Douro e Vouga, Baixo Vouga e Baixo Mondego (83%) e da área do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral (89%).



**Figura 9** – Evolução das acessibilidades por área de residência

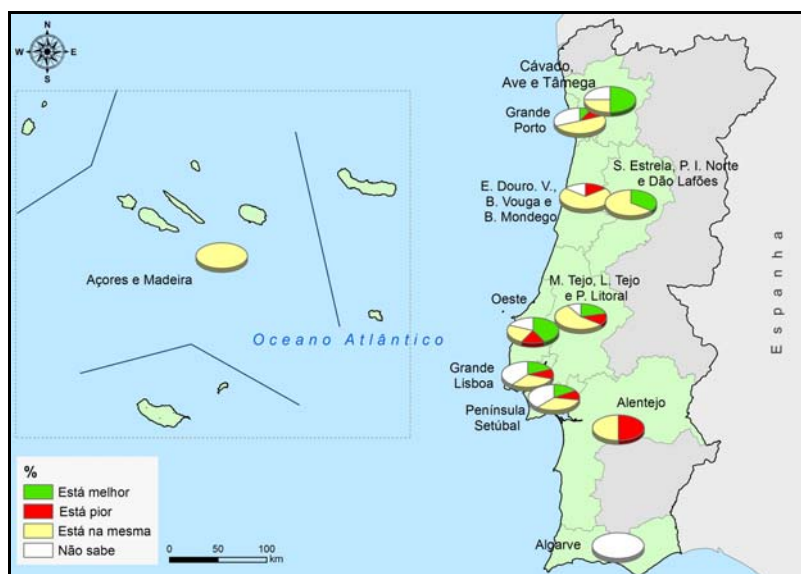
A evolução dos equipamentos sociais (ver figura 10) é semelhante à observada nas acessibilidades, ou seja, independentemente da área de residência, é comum considerar-se que houve melhorias neste aspecto. Assim, a mais baixa percentagem de inquiridos a considerar que esta situação está melhor, residem em concelhos do Grande Porto (55%). A mais baixa percentagem de pessoas a considerar que os equipamentos sociais estão piores, residem em concelhos da área do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral (11%).

O Oeste, à semelhança de outras regiões, tem 100% dos inquiridos a indicar que este aspecto está melhor nos seus concelhos de residência.



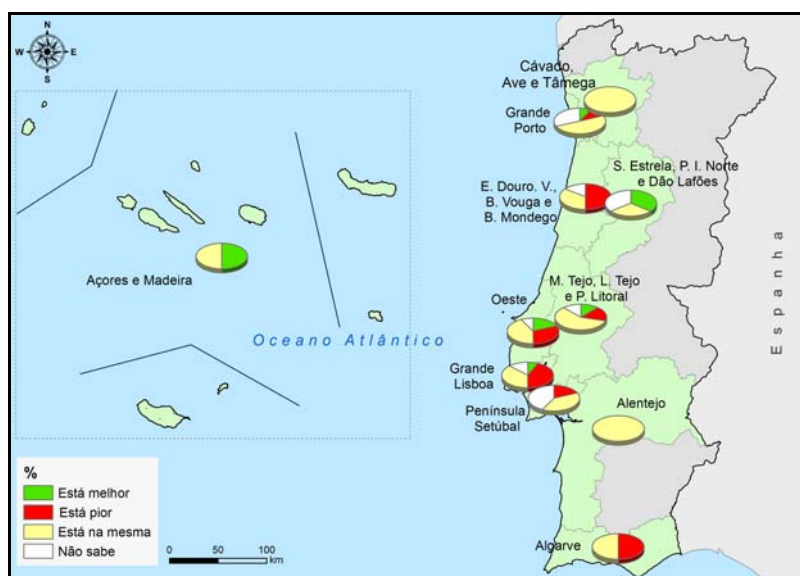
**Figura 10** – Evolução dos equipamentos sociais por área de residência

Sobre o associativismo/cooperativismo (ver figura 11), a tendência de respostas é bastante irregular, talvez por não ser um aspecto com tanta notoriedade como aqueles que até agora foram analisados. A opinião mais comum é a de que está tudo na mesma, ou então os entrevistados revelam não saber o que responder. As duas áreas que recolhem as mais elevadas considerações favoráveis sobre a evolução deste aspecto são o Oeste (40%) e a área do Cavado, Ave e Tâmega (50%). Do lado oposto está o Alentejo que têm 50% dos inquiridos a considerar que o associativismo/cooperativismo se deteriorou. Significativas são, também, as respostas “não sabe”, que em alguns casos (Algarve) representam 100% das respostas.



**Figura 11** – Evolução do associativismo/cooperativismo por área de residência

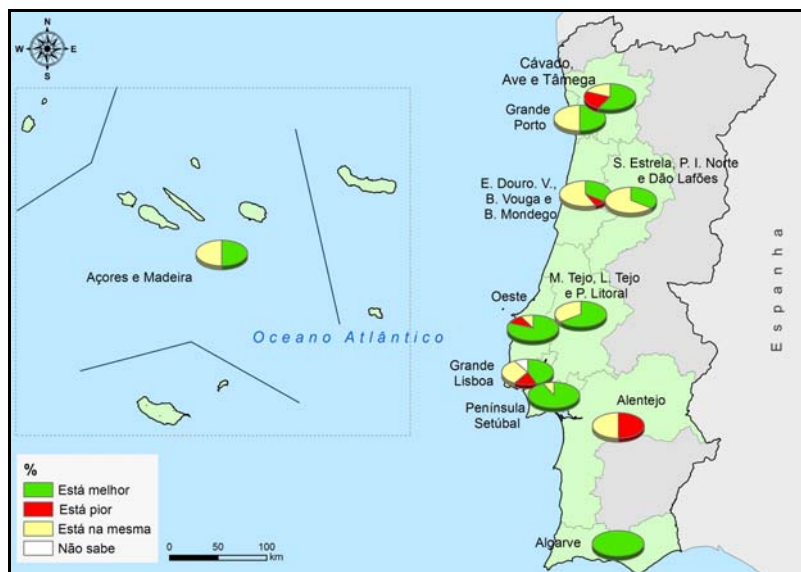
As relações de vizinhança (ver figura 12) são igualmente avaliadas de forma indiferenciada, isto é, considera-se que este aspecto não registou muitas evoluções. Esta é a observação mais comum, contudo, há diferenças espaciais, nomeadamente no caso dos inquiridos residentes em concelhos dos Açores e Madeira, em que 50% deles considera ter havido uma evolução positiva. Do lado oposto, e em igual percentagem (50%) no Algarve, e na área de Entre o Douro e Vouga, Baixo Vouga e Baixo Mondego considera-se que este aspecto está pior. Destaque ainda para a Grande Lisboa (41%), que regista, também, uma elevada percentagem de inquiridos que considera que as relações de vizinhança estão piores.



**Figura 12** – Evolução das relações de vizinhança por área de residência

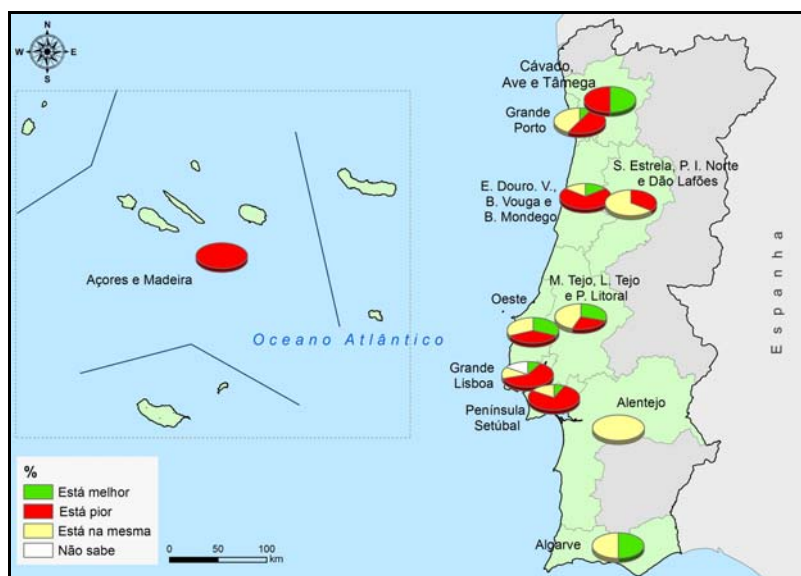
Os valores do Oeste são similares àquilo que é comum em outros territórios, apesar de registarem uma maior percentagem de considerações desfavoráveis (30%) face às favoráveis (20%).

No domínio da animação cultural (ver figura 13), a maioria das respostas dos inquiridos aponta para o registo de melhorias, porém, as mesmas são foram espacialmente uniformes dado que, por exemplo, para os inquiridos residentes em concelhos do Alentejo a situação está pior para 50% e para os outros 50% não houve qualquer evolução. As áreas com uma opinião mais favorável são o Algarve (100%), a Península de Setúbal (91%) e o Oeste (80%).



**Figura 13** – Evolução da animação cultural por área de residência

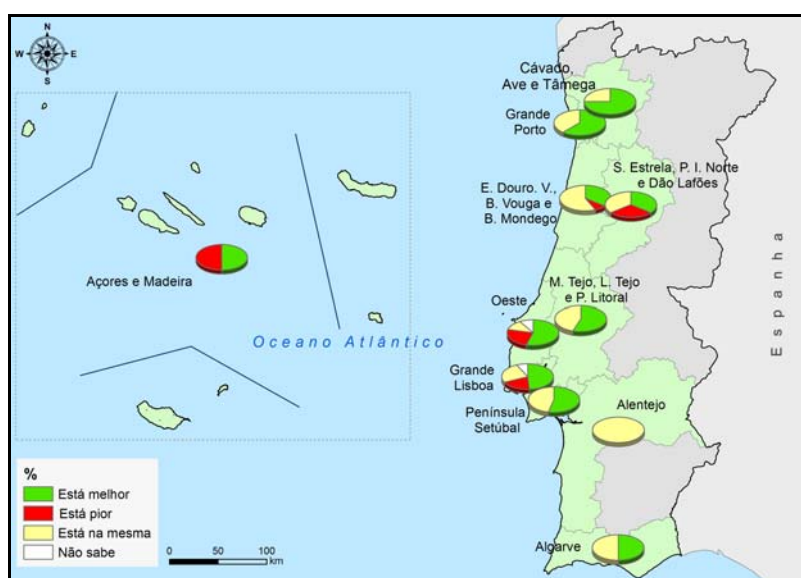
Quanto à qualidade da paisagem rural (ver figura 14), a tendência geral dos inquiridos é a de que há uma deterioração na qualidade da mesma. Neste sentido, apenas contrariam esta tendência, os inquiridos residentes em concelhos do Algarve (50% consideram que a situação está melhor e outros 50% que ela está na mesma), do Alentejo (100% indicam que nada se alterou), da área do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral (43% acham que a situação está na mesma) e do Cávado, Ave e Tâmega (50% dos inquiridos diz que este aspecto piorou). E há, ainda, territórios cujos inquiridos indicam, de forma maioritária, que a situação está pior, nomeadamente nos Açores e a Madeira (100%) ou na Península de Setúbal (73%).



**Figura 14** – Evolução da qualidade da paisagem rural por área de residência

No Oeste, os inquiridos indicam, sobretudo, que a paisagem rural se degradou (40%), havendo, no entanto, 30% que acham que a situação conheceu melhorias.

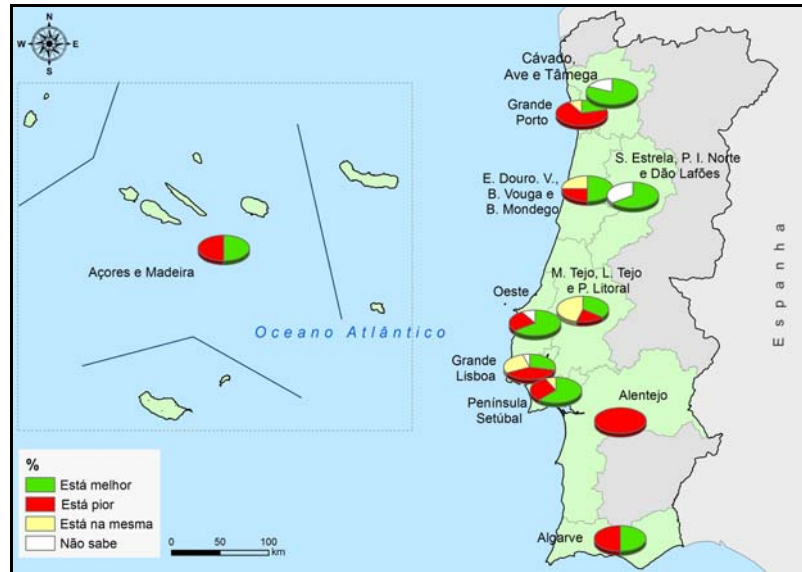
O zelo que se tem pelo património arquitectónico (ver figura 15), é na opinião dos inquiridos, bastante semelhante em todos os territórios, mesmo atendo às diferentes proveniências dos mesmos. Os únicos inquiridos que se diferenciam do sentido geral, ou seja, de que a situação conheceu melhorias, residem nos concelhos dos Açores e Madeira (50% indicam que este aspecto está pior), na área de Entre o Douro e Vouga, Baixo Vouga e Baixo Mondego (58% crêem que tudo está na mesma), do Algarve (50% acreditam que tudo está na mesma) e do Alentejo (100% consideram que não houve alterações).



**Figura 15** – Evolução do zelo pelo património arquitectónico

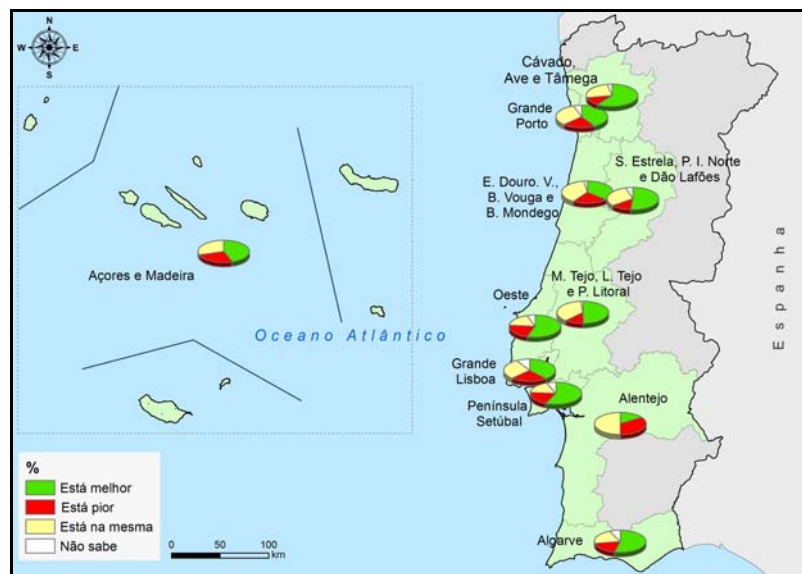
O Oeste, há semelhança de pontos anteriores analisados, regista uma maioria de considerações favoráveis sobre a evolução do zelo pelo património arquitectónico, para, exactamente, 56% dos inquiridos aqui residentes.

Finalmente, e no que diz respeito ao nível de vida (ver figura 16), há uma grande diferença espacial, no que concerne à opinião que os inquiridos têm sobre este aspecto. No entanto, são mais as áreas que têm uma opinião favorável do que o contrário. Por exemplo, 80% os inquiridos residentes na área do Cávado, Ave e Tâmega, 67% dos residentes da área da Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Dão Lafões e outros 67% residentes em concelhos do Oeste consideram que o nível de vida está melhor. Do lado oposto estão os residentes do Alentejo (100%) e do Grande Porto (67%) que indicam que o nível de vida está pior.



**Figura 16** – Evolução do nível de vida por área de residência

É possível somar todas as indicações, favoráveis, ou desfavoráveis de forma a saber que inquiridos, de que territórios, opinam mais positiva ou negativamente sobre a evolução do seu concelho de residência. Os dados apresentados (ver figura 17) estão relativizados de forma a permitirem comparações entre as diferentes regiões em análise.



**Figura 17** – Somatório relativizado das indicações totais dos inquiridos, por área de residência

Neste sentido, a maioria dos territórios e respectivos inquiridos residentes consideram que houve uma evolução favorável dos mesmos. Das 11 áreas em análise, apenas 2 não reúnem uma maioria de indicações favoráveis de evolução, nomeadamente, o Alentejo (há apenas 18% de indicações favoráveis) e a área de Entre o Douro e Vouga, Baixo Vouga e Baixo Mondego (há 34% de



respostas respeitantes a evoluções favoráveis). As áreas mais optimistas são a área do Cávado, Ave e Tâmega (63%), a Península de Setúbal (59%) e o Oeste (57%).

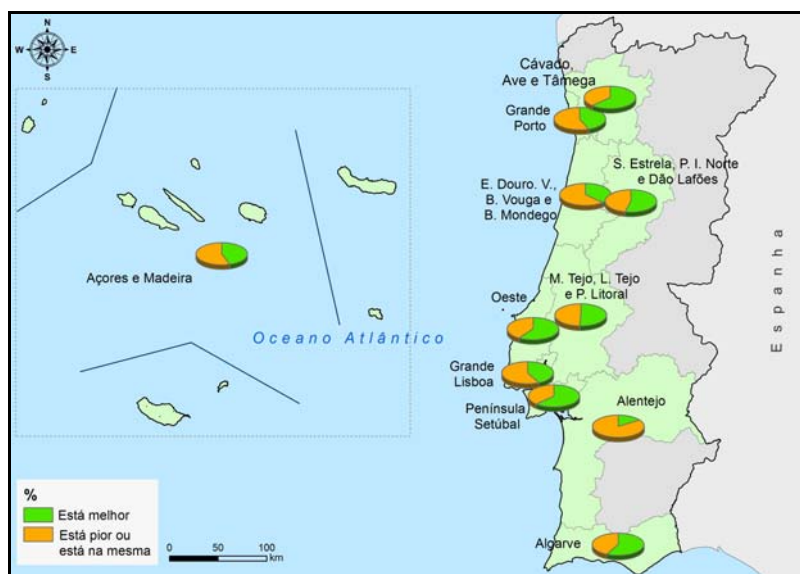
O maior peso de respostas desfavoráveis sobre a evolução dos concelhos de residência, ocorre, por exemplo, no Alentejo (29%), na Grande Lisboa (29%), e nos Açores e Madeira (29%). Os que têm uma menor percentagem de considerações desfavoráveis são a área do Cávado, Ave e Tâmega (10%), do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral (15%) e da Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Dão Lafões (15%).

A opção de resposta “está tudo na mesma”, também é indicada, e em alguns casos de forma expressiva, como no Alentejo (50%), na área do Entre o Douro e Vouga, Baixo Vouga e Baixo Mondego (35%) ou na área do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral (33%).

No entanto, admitindo que apenas se considera positivo as melhorias e negativo as indicações “está pior” ou “está tudo na mesma”, gera-se uma ideia mais clara dos territórios em que a evolução foi, na opinião dos inquiridos, mais positiva ou menos. Admite-se esta circunstância, dado que a não evolução de um aspecto não é gerador de melhorias num território.

O mapa construído para o efeito (ver figura 18) permite distinguir as áreas que têm mais observações positivas ou negativas. Assim, e atendendo a todos os domínios e a todas as considerações (só se exceptuam as resposta “não sabe”), é visível uma conjectura mais favorável na Península de Setúbal (65%), no Algarve (60%), no Oeste (62%), na área do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral (51%), do Cávado, Ave e Tâmega (65%), e da Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Dão Lafões (55%). Os restantes casos emitem considerações negativas, a saber, na Grande Lisboa (60%), no Alentejo (82%), no Grande Porto (58%), nos Açores e Madeira (57%), e na área do Entre o Douro e Vouga, Baixo Vouga e Baixo Mondego (65%).

É interessante notar que os grandes centros urbanos como Lisboa e o Porto tecem considerações menos favoráveis acerca da evolução dos concelhos de residência dos inquiridos do que muitas outras áreas do país (como o Oeste, por exemplo). O Alentejo, que se conhece envelhecido e com elevadas taxas de desemprego, é de todas as áreas, aquela que apresenta a maior percentagem de considerações desfavoráveis sobre a evolução deste território. Por outro lado, as áreas em torno dos principais centros urbanos (Lisboa e Porto), são aquelas que reúnem maior optimismo sobre a sua evolução, sendo disso exemplo, os casos da Península de Setúbal, do Cávado, Ave e Tâmega, e do Oeste.



**Figura 18** – Somatório relativizado e reduzido a duas classes, das indicações totais dos inquiridos, por área de residência

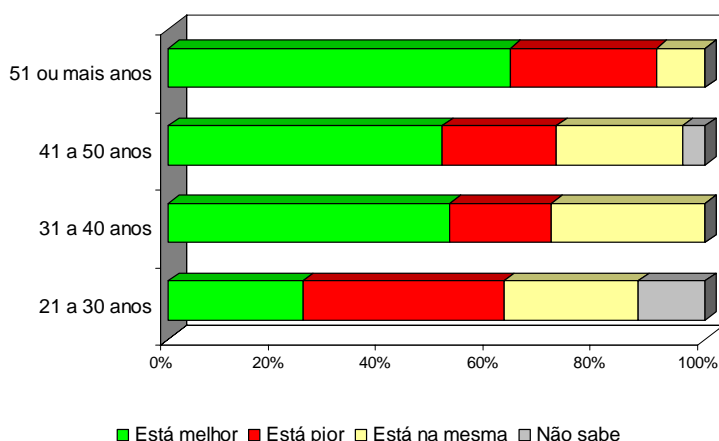
Outro comportamento que se procurou inferir, foi se a idade condicionava ou não as considerações, favoráveis ou desfavoráveis acerca da evolução do concelho de residência dos inquiridos. Neste sentido, a variação das respostas é pouco significativa, de domínio para domínio, ou seja, as respostas são transversais às diferentes idades. A confirmá-lo estão os resultados do teste de kruskal-wallis (ver tabela 3) em que os níveis de significância são quase sempre superiores a 0,05, isto é, a distribuição é semelhante para todas as categorias de resposta (está melhor; está pior; está na mesma; não sabe) face à idade, ou por outras palavras, a idade não condiciona as respostas dadas.

**Tabela 3** – Teste de kruskal-wallis

	Nível de significância
Protecção do ambiente	0,272
Qualidade do capital humano (educação e formação)	0,377
Oportunidades de emprego	0,009
Acessibilidades	0,196
Equipamentos sociais	0,252
Associativismo / cooperativismo	0,434
Relações de vizinhança	0,761
Animação cultural	0,201
Qualidade da paisagem rural	0,097
Zelo pelo património arquitectónico	0,378
Nível de vida	0,183

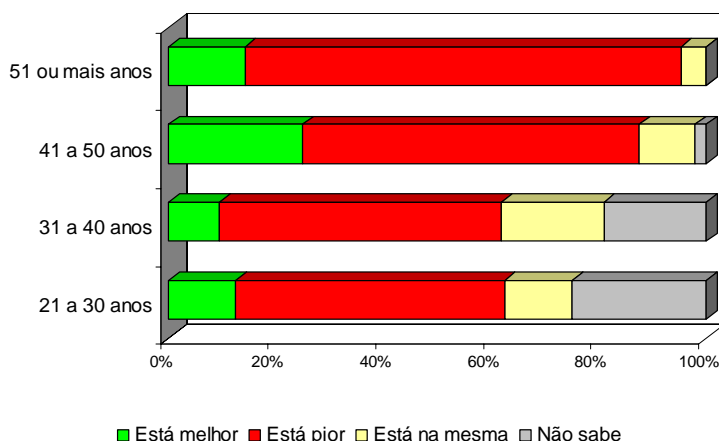
No entanto, há algumas situações, ainda que de importância relativa, que interessa explorar. No caso da protecção do ambiente (ver figura 19), há um maior peso das indicações desfavoráveis dos inquiridos com idades entre os 21 e os 30 anos. Neste caso, e admitindo que todas as classes etárias têm o mesmo número de inquiridos (pois só assim podemos comparar ambas as realidades),

verifica-se que 38% dos inquiridos com idades entre os 21 e os 30 anos, considera que a evolução da protecção ao ambiente tem piorado, ao passo que nos restantes grupos este peso oscila, somente, entre os 19% e os 27%. A situação é, também, diferente entre aqueles que consideram ter havido progressos, ou seja, a mais baixa percentagem de respostas “está melhor” dá-se entre os inquiridos de 21 a 30 anos, ao mesmo tempo que nos restantes grupos, essa percentagem varia entre os 51% e os 64%. Em suma, os mais jovens são os mais insatisfeitos com a evolução da protecção do ambiente.



**Figura 19** – Evolução da protecção do ambiente por idade dos inquiridos

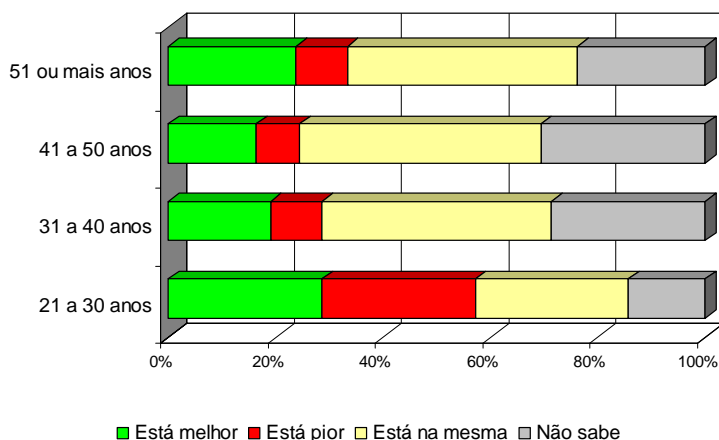
No que se refere às oportunidades de emprego (ver figura 20), o que se destaca é um maior pessimismo dos inquiridos com 51 ou mais anos (81% afirmam que as oportunidades de emprego se deterioraram), face a um elevado desconhecimento dos mais jovens sobre a avaliação a fazer a este domínio (25% não têm opinião).



**Figura 20** – Evolução das oportunidades de emprego por idade dos inquiridos

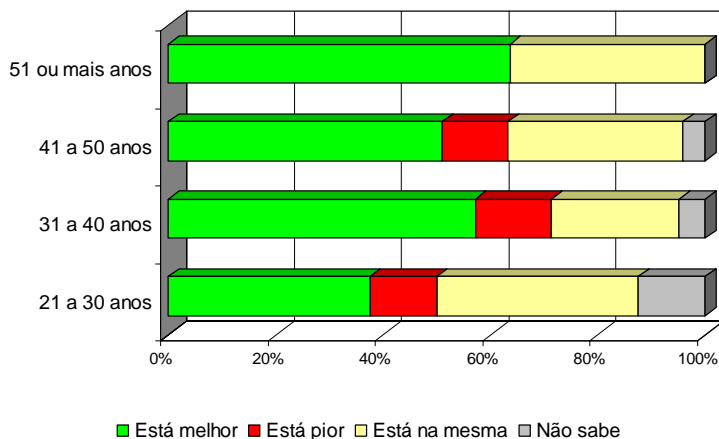
A classe de idades dos 21 aos 30 anos, apresenta, novamente, respostas diferentes na avaliação feita ao associativismo/cooperativismo (ver figura 21). Assim, e se todos os outros inquiridos,

respondem em maior percentagem “está na mesma”, os mais jovens, dividem-se entre três respostas, “está melhor”, “está pior” e “está na mesma”, todas com percentagens próximas de 30%.



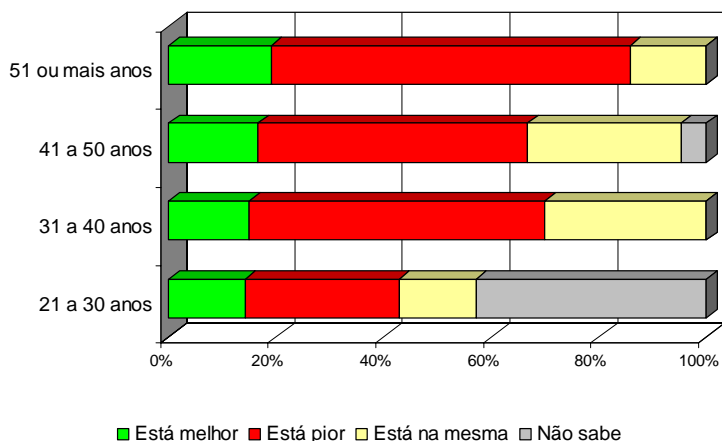
**Figura 21** – Evolução do associativismo/cooperativismo por idade dos inquiridos

No caso da animação cultural (ver figura 22), são, novamente, os inquiridos mais jovens que têm a mais baixa percentagem de indicações favoráveis (38%). Nos restantes grupos de idade, esta percentagem é bem superior, variando entre os 51% e os 64%. E é interessante notar, que não existe nenhum inquirido, com 51 ou mais anos, que considere que a animação cultural no seu concelho de residência esteja pior.



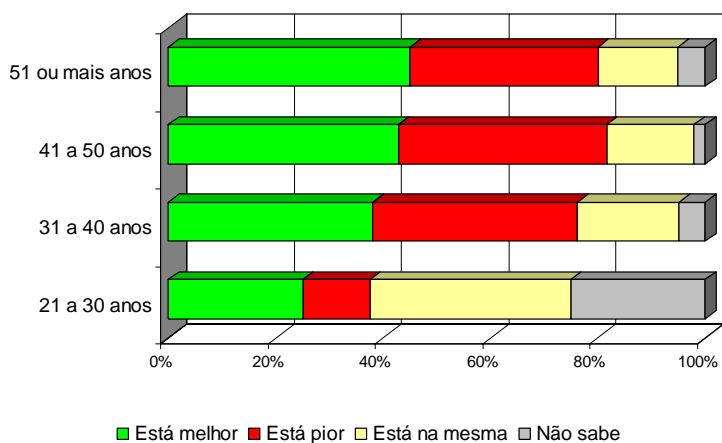
**Figura 22** – Evolução da animação cultural por idade dos inquiridos

No que respeita à qualidade da paisagem rural (ver figura 23), destacam-se dois fenómenos, um elevado desconhecimento dos mais jovens perante a questão, nomeadamente 43%, a par de um pessimismo dos inquiridos com 51 ou mais anos que afirma que a evolução deste aspecto foi negativa (67%).



**Figura 23** – Evolução da qualidade da paisagem rural por idade dos inquiridos

Por fim, e no que respeita ao nível de vida (ver figura 24), registam-se algumas diferenças entre inquiridos de diferentes idades. Por exemplo, os inquiridos mais jovens consideram, maioritariamente, que o nível de vida está na mesma (38%), havendo também uma elevada percentagem que diz não ter qualquer opinião sobre a sua evolução. Os outros inquiridos com idades acima dos 30 anos, opinam, mais favoravelmente, isto é, consideram que houve uma evolução positiva deste aspecto, mas não sem que se registem, simultaneamente, percentagens elevadas de uma deterioração do nível de vida.



**Figura 24** – Evolução do nível de vida por idade dos inquiridos

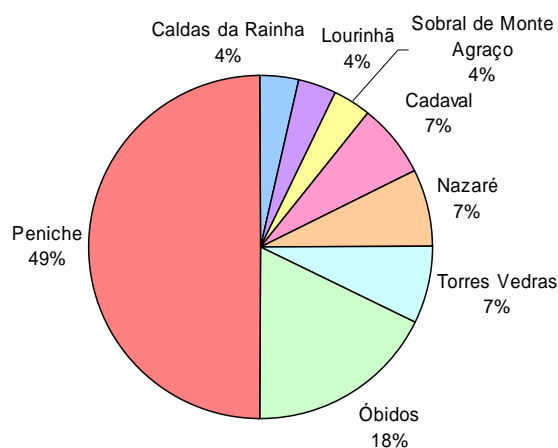
### Nível de atractividade dos concelhos do Oeste: concelhos mais atractivos

A caracterização do nível de atractividade dos concelhos do Oeste, estendeu-se a todos aqueles, que residindo ou não no Oeste, tenham algum conhecimento que lhes permita classificar/avaliar os 12 concelhos que compõem esta região. Foi solicitado que opinassem no sentido de indicar qual o concelho mais atractivo relativamente ao ambiente natural, à economia, à situação social e à oferta

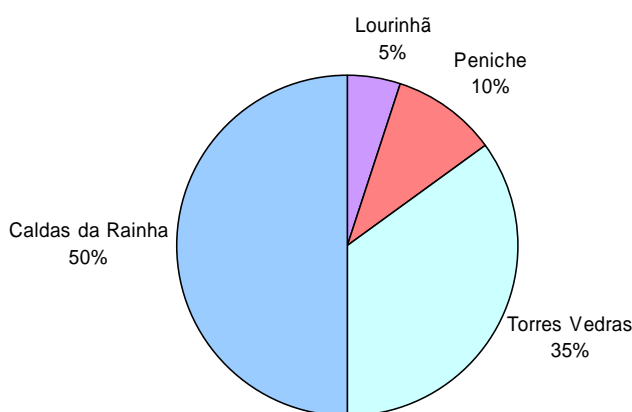
cultural. Do total de 103 inquéritos apurados, as respostas válidas variam entre um máximo de 28 e um mínimo de 7.

Do ponto de vista do ambiente natural (ver figura 25), e de acordo com as 28 respostas válidas, o concelho mais atractivo é Peniche, reunindo cerca de 50% das preferências, talvez por se localizar próximo do mar, ter extensos areais, incluir a Reserva das Berlengas, entre outros pontos de interesse. Na segunda posição, com 18% das indicações, está Óbidos.

Relativamente à atractividade económica (ver figura 26), e para 20 respostas válidas, as Caldas da Rainha (50%) a par de Torres Vedras (35%) são os concelhos mais atractivos, o que se compreende, pois são estes os concelhos mais populosos e com maior actividade económica.



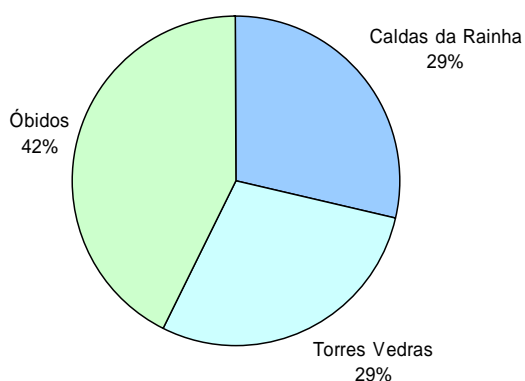
**Figura 25** – Concelho mais atractivo, relativamente ao ambiente natural



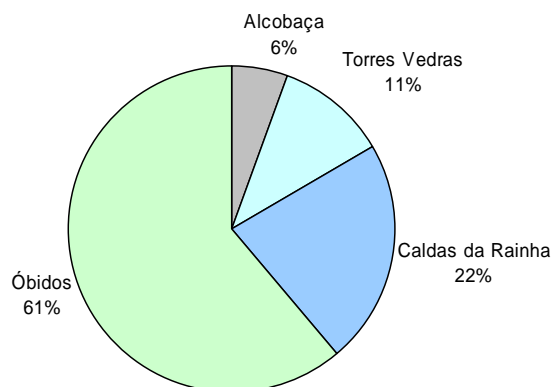
**Figura 26** – Concelho mais atractivo, relativamente à atractividade económica

A situação social (ver figura 27) não é tão clara como os últimos dois aspectos, isto é, as indicações sobre o concelho que tem maior atractividade repartem-se por 3 respostas, nomeadamente Óbidos (42%), Torres Vedras (29%) e Caldas da Rainha (29%). Este aspecto teve apenas 7 respostas válidas.

Quanto à oferta cultural (ver figura 28), e de acordo com 18 respostas válidas, Óbidos é o concelho mais vezes referido, nomeadamente por 61% dos inquiridos, talvez pelo facto de realizar vários eventos nacionais e internacionais ao longo do ano, e pelas características pitorescas da vila. O 2º concelho mais vezes mencionado é Caldas da Rainha, por 22% dos inquiridos.



**Figura 27** – Concelho mais atractivo, relativamente à situação social



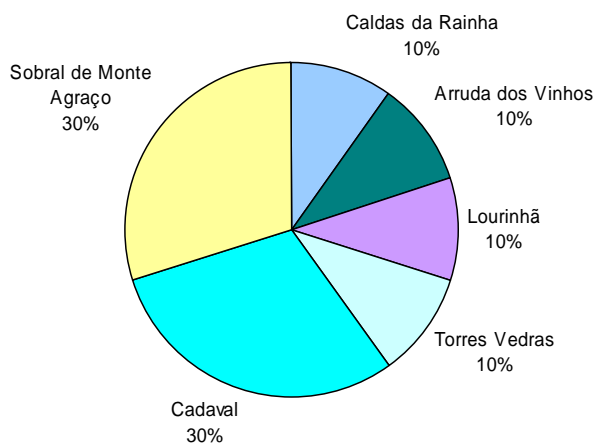
**Figura 28** – Concelho mais atractivo, relativamente à oferta cultural

### Nível de atractividade dos concelhos do Oeste: concelhos menos atractivos

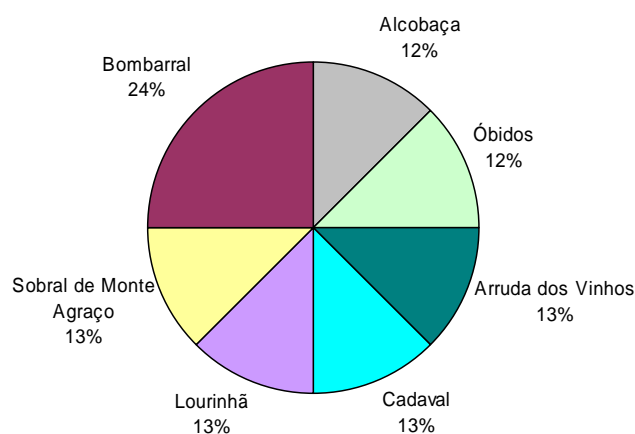
O tópico anterior solicitava aos inquiridos que dessem a sua opinião sobre o concelho mais atractivo. Também se pediu que indicassem qual o concelho menos atractivo relativamente aos mesmos aspectos, isto é, ambiente natural, economia, situação social e oferta cultural. Do total de 103 inquéritos apurados, as respostas válidas variam entre um máximo de 10 e um mínimo de 8.

Assim, e para 10 respostas válidas, os concelhos menos atractivos do ponto de vista do ambiente natural (ver figura 29) são Sobral do Monte Agraço e Cadaval, ambos com 30% de indicações. Estes concelhos são os elegidos, talvez porque não tenham costa marítima ou por deterem, ainda, características bastante rurais.

Relativamente à menor atractividade económica (ver figura 30), Bombarral é o concelho mais vezes apontado (num universo de 8 respostas válidas). Apesar do maior número de indicações, existe uma grande dispersão das respostas, algumas até sobre concelhos que tinham sido referidos como os mais atractivos economicamente (ex. Lourinhã).



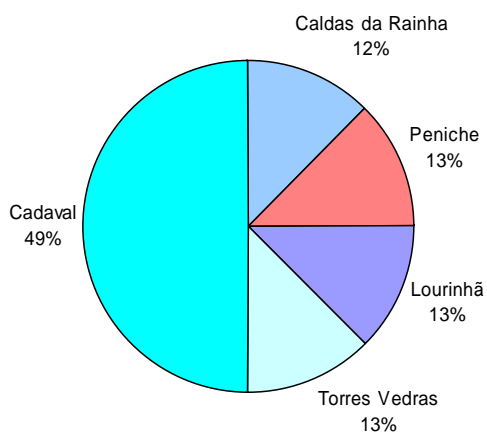
**Figura 29** – Concelho menos atractivo, relativamente ao ambiente natural



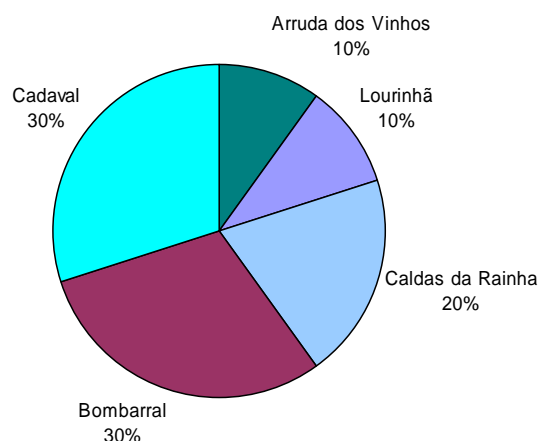
**Figura 30** – Concelho menos atractivo, relativamente à actividade económica

O concelho menos atractivo, na perspectiva da situação social (ver figura 31), é o Cadaval, com quase metade das indicações (num total de 8 respostas válidas). Cadaval é um dos concelhos da Região Oeste com piores índices de desenvolvimento.

Finalmente, na perspectiva da oferta cultural (ver figura 32), num total de 10 respostas válidas, os três concelhos menos atractivos são Cadaval (30%), Bombarral (30%) e Caldas da Rainha (20%). O Cadaval e o Bombarral são indicações frequentes de concelhos com fraco nível de atractividade.



**Figura 31** – Concelho menos atractivo, relativamente à situação social



**Figura 32** – Concelho menos atractivo, relativamente à oferta cultural

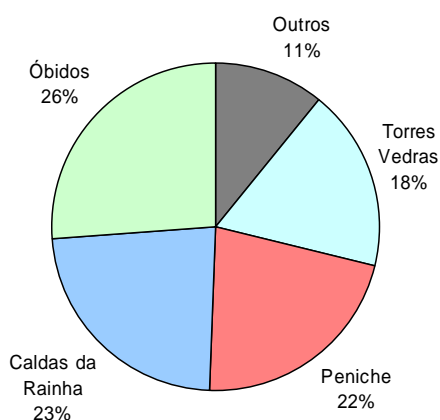


## Nível de atractividade dos concelhos do Oeste: concelhos mais e menos atractivos (somatório das indicações de todos os domínios)

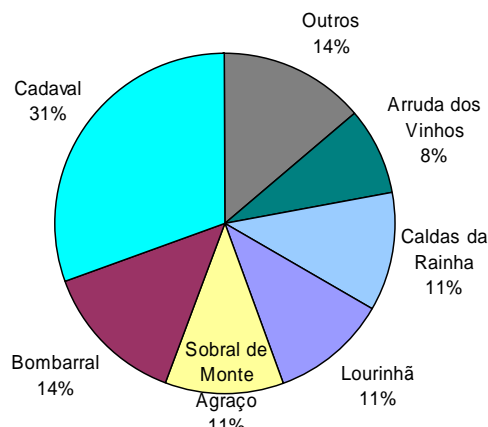
Para terminar a análise do nível de atractividade dos concelhos do Oeste, admitiu-se o somatório de todas as indicações, de forma a aferir qual o concelho mais atractivo, em termos gerais.

Neste sentido, o concelho mais vezes referido como sendo o mais atractivo (ver figura 33) é Óbidos, com 26% das 76 indicações recolhidas. Imediatamente a seguir, surgem 3 concelhos, Caldas da Rainha (23%), Peniche (22%) e Torres Vedras (18%), concelhos frequentemente referidos, nos vários domínios analisados nos tópicos anteriores. Estes concelhos são aqueles que têm mais população e/ou maior dinamismo económico, estão próximos de eixos de comunicação estruturais (A8; Linha do Oeste), e possuem, ainda, outros pontos favoráveis.

O concelho menos atractivo (ver figura 34) é o Cadaval, representando 31% das 36 indicações recolhidas. O Cadaval é ainda um concelho de carácter rural forte, de acordo com vários estudos, nomeadamente do INE<sup>15</sup>. Os restantes concelhos representam percentagens mais reduzidas das indicações dos inquiridos, havendo uma grande divisão no número de respostas.



**Figura 33** – Concelho mais atractivo (somatório das indicações de todos os domínios)



**Figura 34** – Concelho menos atractivo (somatório das indicações de todos os domínios)

<sup>15</sup> De acordo com a Tipologia das Áreas Urbanas do INE (2006), das 10 freguesias do concelho do Cadaval, 6 são classificadas como predominantemente rurais e 4 como mediantemente urbanas. Esta tipologia é o resultado de um trabalho conjunto desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e pela Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU). <http://www.ine.pt>

## Síntese dos resultados

### Sexo, idade, instrução, concelho de residência actual e proveniência:

- ✓ O sexo feminino tem uma maior representatividade.
- ✓ Predominam os inquiridos com idades entre os 41 e os 50 anos.
- ✓ Todos os entrevistados são, pelo menos, licenciados.
- ✓ A proveniência dá-se, essencialmente, de concelhos próximos de Peniche, e/ou de grandes centros urbanos, localizados em áreas mais litorais.
- ✓ Uma significativa parte dos inquiridos residiu sempre no mesmo concelho.

### Evolução recente da situação socioeconómica e ambiental do concelho de residência:

- ✓ Os inquiridos indicam que os domínios que têm registado melhorias nos últimos anos são a protecção do ambiente, a qualidade do capital humano, as acessibilidades, os equipamentos sociais, a animação cultural e o zelo pelo património arquitectónico
- ✓ Os aspectos que se têm degradado nos últimos anos são as oportunidades de emprego e a qualidade da paisagem rural.
- ✓ As temáticas indicadas como não tendo evoluído, nem se degradado, são o associativismo/cooperativismo e as relações de vizinhança.
- ✓ O nível de vida não tem um sentido claro de resposta, apesar de haver mais respostas favoráveis do que desfavoráveis.
- ✓ Os territórios em que as indicações sobre a sua evolução são mais favoráveis, dão-se em concelhos da Grande Lisboa, da Península Setúbal, do Algarve, do Grande Porto, dos Açores e Madeira, do Oeste, da área do Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Pinhal Litoral, da área do Cávado, Ave e Tâmega e da área da Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Dão Lafões.
- ✓ Os territórios em que há mais indicações sobre uma deterioração dos diferentes aspectos analisados são o Alentejo e a área de Entre Douro e Vouga, Baixo Vouga e Baixo Mondego.
- ✓ Em algumas questões, os inquiridos mais jovens e/ou os mais velhos dão respostas de forma diferente dos restantes inquiridos, mostrando-se os mais jovens, nos domínios da protecção do ambiente, do associativismo/cooperativismo, da animação cultural e do nível de vida,

geralmente, menos optimistas que os restantes. Os mais velhos revelam um maior pessimismo nos domínios das oportunidades de emprego e da qualidade da paisagem rural.

### Nível de atractividade dos concelhos do Oeste: concelhos mais e menos atractivos

- ✓ Peniche é o concelho mais atractivo no que respeita ao ambiente natural, e Caldas da Rainha no que refere à atractividade económica. Óbidos é o mais atractivo face à situação social e oferta cultural.
- ✓ Os concelhos menos atractivos, do ponto de vista do ambiente natural são Sobral de Monte Agraço e Cadaval. Cadaval é ainda o menos atractivo relativamente à situação económica e à oferta cultural. O Bombarral é o menos atractivo perante a situação económica assim como face à oferta cultural (lugar que partilha com o Cadaval).
- ✓ Um somatório de todas as respostas permite concluir que Óbidos é o concelho mais atractivo e Cadaval o menos.

### **Conclusão**

Verifica-se, apesar de tudo, uma visão bastante optimista sobre a evolução dos territórios de residência dos 103 inquiridos, sobretudo em domínios como as acessibilidades ou os equipamentos que, maciçamente, foram subsidiados por fundos europeus. O aspecto que unanimemente é destacado pela negativa, diz respeito às oportunidades de emprego, o que se compreende pelas más performances económicas do país nos últimos 5 anos, e pelas elevadas taxas de desemprego.

A Região Oeste é, apesar do carácter rural de muitas das suas áreas<sup>16</sup>, um dos territórios onde os inquiridos se mostraram mais favoráveis perante a evolução dos domínios em análise, muito mais optimistas que territórios como a Grande Lisboa ou o Grande Porto, dois dos principais centros urbanos portugueses.

Sobre a atractividade, Óbidos é o concelho que mais se destaca, talvez porque a sua sede de concelho seja uma vila histórica, rodeada de paisagens rurais com uma actividade turística dinâmica que se estende até ao litoral.

---

<sup>16</sup> De acordo com a Tipologia das Áreas Urbanas do INE, das 121 freguesias da NUT III Oeste, 36 são classificadas como rurais e 53 como mediamente urbanas. Esta tipologia é o resultado de um trabalho conjunto desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e pela Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU). <http://www.ine.pt/>.